

A “atenção aos detalhes”: as “questões do modo de vida” e o novo *byt* soviético (1923)

Thyago Marão Villela¹

Resumo: O artigo objetiva estabelecer o vínculo histórico entre “Questões do modo de vida”, escrito por Leon Trotsky em 1923, e o debate travado pela vanguarda artística construtivista sobre a cultura material soviética, sintetizado nos textos dos teóricos Nikolay Tarabukin e Sergei Tretiakov. A convergência entre as posições presentes em “Questões do modo de vida” e as elaborações construtivistas apontou para o nascimento de um diálogo que duraria meia década entre os artistas de vanguarda russos e a Oposição de Esquerda. Procura-se apontar, assim, que a discussão sobre o modo de vida foi, no contexto do processo revolucionário russo, um debate crucial para o estabelecimento do campo político de oposição à cultura do livre-mercado da NEP e da burocratização do poder político, que acabou por delinear, com o seu desenvolvimento, duas estratégias distintas de atuação referentes ao campo cultural e à formação de quadros operários: a estratégia da Oposição de Esquerda, focada na difusão da cultura “pré-Outubro”; e a estratégia do movimento construtivista, calcada no imperativo da reestruturação das relações de produção.

Palavras-chave: Leon Trotsky; construtivismo russo; revolução de outubro.

Abstract: The research aims to establish the historical link between “On the way of life,” written by Leo Trotsky in 1923, and the debate among the constructivist avant-garde about the Soviet material culture, synthesized in the texts of Nikolay Tarabukin and Sergei Tretiakov. The convergence between the positions of “On the way of life” and

¹ Mestre em Artes Visuais pela Escola de Comunicação e Artes (ECA/USP). E-mail: maraovillela@gmail.com.

the constructivist elaborations points out to the birth of a dialogue that would last half a decade between the Russian avant-garde artists and the Left Opposition. This article tries to emphasize, therefore, that the discussion about the way of life was, in the context of Russian revolutionary process, a crucial debate for the establishment of the political opposition against the culture of free market in the NEP era and against the bureaucratization of political power. That debate turned out to delineate, later, two different strategies of action for the cultural field and for the formation of proletarian leaders: the Left Opposition's strategy, focused on the dissemination of "pre-October" culture; and the constructivist movement strategy, based on the imperative of restructuring the production relations.

Key-words: Leo Trotsky; russian constructivism; october revolution.

"O crucial é: nosso modo de vida (byt); um modo de vida que não mudou em nada e que é hoje nosso mais perverso inimigo, que nos transforma em filisteus" (MAIAKOVSKI apud KIAER, 1995, p. 30).

No verão de 1923, foi publicada a coletânea de ensaios do dirigente bolchevique, então Comissário da guerra, Leon Trotsky (1879-1940), sob o título de "Questões do modo de vida". Nela, Trotsky advertia seus leitores para a importância da atenção (dos bolcheviques e do proletariado russo) "incidir sobre os detalhes" (TROTSKY, 2009, p. 25)³.

O bolchevique publicava tais ensaios num momento particularmente agudo da luta de classes que se desenvolvia no processo revolucionário soviético: a Nova Política Econômica (NEP [1921-1928]), que restabelecera elementos de livre mercado na economia, completara dois anos e, com ela, acirrava-se a diferenciação social (e os conflitos) entre a nova burguesia russa e o proletariado

³ O primeiro artigo da coletânea, "O homem não vive só de política", foi publicado em 10 de julho de 1923, no *Pravda*. Não disponho das datas de publicação dos demais artigos.

urbano e rural. Sabe-se também que, durante o ano de 1923, formava-se a *troika* Stálin-Kamenev-Zinoviev, que radicalizava a burocratização do Estado e a repressão ao movimento operário. Vivia-se, ao que parece, uma espécie de “ressaca” do Comunismo de Guerra (1918-1921), e o Partido Bolchevique abandonava paulatinamente o ideário presente em obras como o “ABC do Comunismo” (1920), por exemplo, que enfatizava a necessidade da reestruturação contínua das relações de produção durante o processo revolucionário.

O ânimo geral do proletariado que realizara Outubro parecia decrescer, conforme atesta uma circular interna dirigida ao Comitê Central do Partido, de outubro de 1923, que enumerava as razões do “descontentamento” operário. Segundo tal circular, “estritamente confidencial”, a “[...] situação material e o humor político dos operários [...] não são satisfatórios” (MOULLEC e WERTH, 1994, p. 189). As principais razões apontadas pela carta eram as péssimas condições de habitação, o aumento das normas de produtividade, a subvalorização dos operários velhos, o não pagamento dos salários em função do índice de preços, o mau funcionamento das cooperativas, o aumento abusivo dos impostos em relação aos salários e a ausência de regras de segurança do trabalho. O redator da circular acrescentou: “[...] os operários estão insatisfeitos com as condições de vida excessivamente confortáveis da administração” (MOULLEC e WERTH, 1994, p. 189).

A circular, escrita três meses após a publicação de “Questões do modo de vida”, oferece um panorama do mundo do trabalho durante o segundo ano da NEP e exemplifica as grandes questões com as quais os militantes bolcheviques estavam lidando. Eram dramas sociais gigantescos e inéditos. Por que será, então, que um dos principais líderes do Partido enfatizava, durante tais processos de grande magnitude, os “detalhes”? Qual a necessidade do debate sobre o modo de vida operário quando os principais líderes bolcheviques entranhavam-se numa disputa sem tréguas por projetos políticos distintos – disputa que consumira, como se sabe, o próprio autor do livro em questão?

O debate sobre o novo *byt*

Conforme indica a circular confidencial do Partido, citada anteriormente, a análise do “humor político” operário foi uma preocupação da cúpula partidária. Os documentos internos do Partido Bolchevique sobre o assunto podem ser remontados, pelo menos, a 1922, e existiram durante todo o período de vigência da NEP⁴. Tais análises, que buscavam compreender a situação psíquica do proletariado urbano e rural soviéticos, foram, portanto, um importante instrumento político para as lutas que se travavam no interior do Estado.

Nas circulares relacionava-se diretamente o psiquismo operário com o *byt*, que pode ser traduzido vagamente por “modo de vida”. Tal tradução torna-se vaga, conforme afirmei, na medida em que a noção de *byt* refere-se, em russo, ao cotidiano *especificamente material*, de seus aspectos mais triviais (como calçar uma bota ou apertar as mãos de um conhecido) até suas formas mais elaboradas (como o uso que se faz da linguagem). *Byt* opunha-se, no contexto da Rússia revolucionária, a *bytie*, que se referia às manifestações ideológicas mais complexas, como o ato de filosofar (KIAER, 1995). De uso corrente no decênio de 1920, tal palavra foi empregada nos debates sobre a cultura material do processo revolucionário, seus “avanços” e “retrocessos”, e a disputa que cada classe social, ou parcela dela, realizava no âmbito da construção cultural.

O título original de “Questões do modo de vida”, *Voprosy byta* (Вопросы быта), indica que Trotsky procurava inserir-se no debate sobre tal cultura material e que é ela, em última instância, o objeto de sua série de artigos. A ênfase na reestruturação material da sociedade soviética, assim, marcou um momento único da produção intelectual do bolchevique, quando comparada tal ênfase, por exemplo, com o célebre “Literatura e Revolução”, publicado no ano seguinte (1924),

⁴ Tais documentos encontram-se compilados em Moullec e Werth (1994).

cujo objeto privilegiado – a produção literária da vanguarda artística – pertencia muito mais ao domínio do *bytie* do que do *byt*.

O livro de Trotsky, assim, inscrevia-se historicamente num debate suscitado pelo processo revolucionário e por suas vicissitudes. Ele não abordava uma temática nova aos militantes bolcheviques, na medida em que a questão do modo de vida era um objeto de preocupação constante da direção partidária e um instrumento de avaliação precioso no combate de projetos políticos que se processava.

“Questões do modo de vida”, porém, extravasava as preocupações da cúpula partidária e inseria-se no projeto da reorganização da base operária, concomitante à formação da Oposição de Esquerda. Não à toa, as reflexões de Trotsky dialogavam diretamente com as análises estabelecidas por outros intelectuais sobre a cultura *nepista*: eis aí um dos “elos perdidos” sobre tal obra, que, sem este sentido político, parece um ponto fora da reta com relação às preocupações de Trotsky em 1923⁵.

No entanto, o interlocutor privilegiado por Trotsky em “Questões...” – excetuando-se, obviamente a base operária do Partido – parecia ser a corrente artística construtivista, que iniciara tal debate meses antes da publicação do livro referido. Eis um ponto cego da historiografia marxista sobre a revolução russa, a qual não tratou efetivamente da relação estabelecida entre a Oposição de Esquerda e a vanguarda construtivista⁶. Antes, porém, de investigarmos tal questão, analisemos o texto de Trotsky.

⁵ Vide, por exemplo, a ampla reflexão visual formulada por artistas como Vladimir Kozliskii, cujas charges publicadas no *Pravda* pretendiam-se uma rigorosa análise da nova burguesia russa e uma crítica do fetichismo no mundo da NEP.

⁶ O debate entre a Oposição de Esquerda e os artistas construtivistas durou cinco anos, de 1923 a 1928, o que equivale a todo o período de existência do movimento oposicionista na URSS. Para o detalhamento dos debates travados entre ambos os grupos, consultar Villela (2014).

A Pérestroika Byta

“Questões do modo de vida” foi escrito a partir de um questionário que Trotsky aplicou a vinte e cinco operários bolcheviques. O Comissário do Exército visava identificar as críticas dos operários ao modo de vida soviético e, com base no material coletado, respondê-las politicamente.

Eram dois os inimigos declarados por Trotsky que o livro procurava atingir: a sociabilidade *nepista*, caracterizada pelo individualismo e por um suposto psiquismo politicamente passivo, e o processo de burocratização do poder. O bolchevique posicionava-se, no livro, em prol da construção de uma nova sociabilidade como uma das tarefas cruciais a serem realizadas na luta contra o processo de burocratização⁷. Desta maneira, o principal tema desenvolvido nos ensaios de “Questões do modo de vida” era a necessidade da construção de um “militantismo cultural” (TROTSKY, 2009, p.8) que abrangesse a totalidade dos aspectos e carências da vida material do proletariado russo. Ele definia tal “militantismo cultural” como a atividade militante orientada à construção da classe operária, que, “pela primeira vez, constrói [a sociedade] para si e segundo seu próprio plano” (TROTSKY, 2009, p. 54).

O plano de ação elaborado por Trotsky (desenvolvido nos nove artigos que compõem o livro) para a reestruturação do modo de vida constituía-se, principalmente, pelas seguintes “frentes de combate”: a reestruturação do jornal, a educação da juventude, a correção da linguagem cotidiana, o combate ao alcoolismo, a emancipação feminina, o cinema como elemento de instrução política e entretenimento

⁷ A nova sociabilidade reivindicada por Trotsky era também pensada por outros militantes bolcheviques, sendo parte, assim, de uma reflexão coletiva. Em 1924, por exemplo, o futuro opositor Leon Sosnovski (1886-1937) definia um novo tipo de sociabilidade em oposição ao que ele caracterizava como a sociabilidade dos “homens do aparato” (*apparatchiki*), ou seja, dos homens metódicos e pragmáticos da burocracia estatal (BROUÉ, 1973, p. 112).

laico e a necessidade de avançar nas primeiras experiências de reorganização da família⁸. Todas estas “frentes de combate” já haviam sido mencionadas pelos operários que participaram do questionário aplicado por Trotsky⁹.

Em linhas gerais, o Comissário detinha-se nos aspectos materiais práticos para a reestruturação do modo de vida (*Pérestroika Byta*). Trotsky discutia e detalhava minuciosamente os procedimentos materiais para a reestruturação do psiquismo do proletariado russo. O livro tratava, assim, de distinguir as questões centrais para a formulação de uma subjetividade crítica e de propor a elaboração concreta de um novo ambiente e de novos objetos que a pudessem promover.

Ele elaborava um plano de combate fundamentado em duas linhas de ação (aparentemente contraditórias): a elaboração de rituais materialistas e a racionalização do modo de vida. Ambos os projetos – ritualização e racionalização – deveriam ser conjugados para a construção de um novo psiquismo.

A racionalização do *byt* e a “teatralidade ritual”

A noção de racionalização do *byt*, desenvolvida por Trotsky, contrapunha-se, em “Questões do modo de vida”, à ideia do *byt*

⁸ As “primeiras experiências de reorganização da família” mencionadas por Trotsky referiam-se ao processo da formação das habitações coletivas e da reestruturação arquitetônica correlata a tal processo. Para a discussão sobre a formação das “Casas Comuns” (*Dom Kommuna*), consultar Kopp (1990).

⁹ Os conjuntos de críticas realizadas pelos operários referentes à NEP e à nova burguesia russa entraram no texto, entretanto, apenas indiretamente. Marinine, por exemplo, secretário de célula na fábrica “Roskabel”, afirmou: “Os operários têm uma atitude extremamente crítica em relação aos ‘*nepmen*’ e aos fenômenos da NEP” (TROTSKY, 1979, p. 118). Finovski, agitador de Moscou pertencente à União da Juventude Comunista (*Komsomol*), atacava diretamente o Partido Bolchevique: “Os operários têm clara consciência de que hábitos próprios dos ‘*nepmen*’ se manifestam no seio do partido” (TROTSKY, 1979, p. 120).

“mercantil” e “anárquico” das sociedades capitalistas. Escreveu Trotsky:

A propriedade privada significa o mercado, o jogo cego das forças econômicas, não dirigidas pela ‘razão’. Foi assim que na base das relações econômicas mercantis se elaborou um modo de vida igualmente mercantil. Já que a lei do mercado reinava, era impossível pensar numa verdadeira racionalização do modo de vida das massas populares (TROTSKY, 2009, p. 32).

No texto, a noção de “racionalização” tem duas acepções: a informação e a conscientização do proletariado sobre os problemas que o cercam (individualismo, “grosseria”, “maus hábitos de higiene”, linguagem vulgar, etc); e a produção de uma cultura crítica fundamentada em uma sociabilidade coletivista. Conforme utilizada por Trotsky, a noção de “racionalização”, portanto, refere-se ora às particularidades do modo de vida que devem ser conhecidas e combatidas, ora ao significado amplo da construção de um sistema cultural coletivista.

Para Trotsky, entretanto, a construção de tal sistema cultural não poderia ser realizada apenas por meio da difusão da informação e da investigação do *byt nepista*. Ele escreveu:

Os argumentos teóricos agem apenas sobre o espírito, enquanto que a *teatralidade ritual* age sobre os sentimentos e a imaginação; a sua influência, portanto, é muito maior. É por isso que, no próprio meio comunista, torna-se necessário opor a esse antigo ritual [religioso] novas formas e um *novo simbolismo*, não só ao nível oficial em que já se encontram implantadas em larga escala, mas também ao nível da família (TROTSKY, 2009, p. 47).

Trotsky referia-se às reestruturações dos rituais do batismo, do casamento e dos funerais¹⁰. Para o Comissário, tais reestruturações dos ritos eram importantes no combate à influência da Igreja Ortodoxa.

A novidade da posição de Trotsky, no entanto, era a definição do ritual como *distração*, e não apenas como culto. Conforme ele:

O divertimento e a distração representam um enorme papel nos ritos da Igreja. A Igreja age por métodos teatrais sobre a visão, o ouvido e o olfato (o incenso!) e, através deles, age sobre a imaginação (TROTSKY, 2009, p. 38).

A elaboração de “rituais materialistas”, portanto, deveria visar à politização por meio da distração, do envolvimento sensorial e da produção de uma nova “teatralidade”¹¹. A construção de um sistema cultural crítico e racional deveria se estabelecer também por meios inconscientes, de reorientação do desejo social e de reformulação da sensibilidade. Para tal projeto, Trotsky destacava o cinema como o dispositivo privilegiado de distração, o meio “mais poderoso” e “mais democrático”, na medida em que sua recepção era pública e coletiva. Segundo ele:

O cinema não carece de uma hierarquia diversificada de brocados ostentosos etc.; basta-lhe um pano branco para criar uma espetaculosidade muito mais penetrante do que a da igreja, da mesquita ou da sinagoga mais rica ou mais habituada às

¹⁰ O historiador liberal Orlando Figes relatou que, desde 1918, alguns rituais religiosos como o casamento e o batismo foram espontaneamente secularizados. As descrições de Figes sobre tais processos, embora jocosas e difamatórias, mostram como, mediante o processo revolucionário, o proletariado russo reelaborava radicalmente o modo de vida. Ver Figes (1996, p. 747).

¹¹ O conceito de distração, conforme elaborado por Trotsky, parece ser um precedente das noções de distração formuladas por Benjamin e Brecht na Alemanha do decênio de 1930.

experiências teatrais seculares. (...) O cinema diverte, excita a imaginação pela imagem e afasta o desejo de entrar na igreja. (TROTSKY, 2009, p. 38)

No primeiro *kino-Pravda* (“Cinema-Verdade”), série de documentários realizada a partir de 1922 sobre o cotidiano russo, o cineasta Dziga Vertov (1896-1954) registrou alguns camponeses confiscando os bens de uma Igreja Ortodoxa. Retrospectivamente, tal cena parecia sintetizar o projeto que Trotsky elaborava acerca de um novo ritual secular: o público, nas salas de cinema, praticava uma nova forma de ritual ao passo em que assistia à ruína da Igreja e dos antigos ritos.

As elaborações de Trotsky pareciam coincidir, em diversos momentos de “Questões...” com as práticas artísticas vinculadas ao construtivismo soviético¹², como no caso citado envolvendo Vertov (esse, um proeminente membro do movimento construtivista). Em outras partes do livro, o bolchevique referia-se diretamente aos projetos arquitetônicos elaborados por arquitetos construtivistas. Tal aproximação não era fortuita: meses antes da publicação de “Questões do modo de vida”, o movimento construtivista soviético definia as coordenadas do debate no qual Trotsky procuraria atuar meses depois com seu livro.

¹² Antecipo ao leitor que, possivelmente, o construtivismo do qual tratarei adiante é bastante distinto da versão formalista sobre o construtivismo russo, com a qual talvez ele tenha maior familiaridade. Isso se deve ao processo sistemático de deturpação acerca de tal movimento artístico. A falsificação programática do construtivismo foi promovida e deflagrada, em escala internacional, pelo MoMA (Museu de Arte Moderna de Nova York) em 1936, na exposição, organizada por Alfred Barr (1902-1981), “Cubismo e arte abstrata”. Esta exposição apresentava o “construtivismo russo” como um desenvolvimento do cubismo, caracterizado por uma série de pinturas e esculturas abstratas que se valiam do *clichê* geométrico. O processo de deturpação da produção construtivista, deflagrado pelo MoMA, associou-se às declarações de dois artistas “emigrados” russos: Antoine Pevsner (1886-1962) e Naum Gabo (1890-1977), os quais se reivindicaram os líderes dos construtivistas e passaram a falar em nome do movimento, associando-o à pintura e à escultura abstrata (BUCHLOH, 1990).

O interlocutor oculto: o movimento construtivista

Em 1923, o movimento construtivista russo contava com nomes como os de Nikolay Aseev (1889-1964), Vladimir Maiakovski (1893-1930), Aleksandr Rodchenko (1891-1956), Bóris Arvatov (1896-1940), Ossip Brik (1888-1945), Boris Pasternak (1890-1960), Varvara Stepanova (1894-1954), Anton Lavinski (1893-1945), Nikolay Tarabukin (1889-1930) e Sergei Tretiakov (1892-1937). O grupo, surgido em 1920, debatia aquilo que posteriormente ficaria conhecido como sua *guinada produtivista*.

Dois textos do período sintetizam o que seria tal guinada: “Do cavalete à máquina”, de Tarabukin, publicado em março de 1922; e “A arte na revolução, a revolução na arte (consumo e produção estéticos)”, de Tretiakov, publicado em janeiro de 1923. Ambos os ensaios realizavam um balanço do cenário artístico soviético: procuravam demonstrar a perda do sentido histórico da pintura de cavalete e da estética contemplativa e relacionavam a cultura da NEP à passividade política (contemplativa) do operariado soviético frente aos processos de burocratização do poder e de modernização acelerada em curso.

O programa elaborado pelos teóricos referidos, debatido e endossado por outros membros do movimento construtivista, era preciso: os artistas deveriam inserir-se nas fábricas visando reestruturar a produção e as relações de trabalho. Tratava-se, em suma, de combater a divisão social do trabalho reposita pela NEP e pelo esquema *taylorista* de produção, e alçar a vida cotidiana e o trabalho ao grau de inventividade e de domínio dos materiais alcançados historicamente pelo trabalho artístico ou, nas palavras de Tarabukin, da “maestria artística” (TARABUKIN, 1977, p. 52).

O projeto produtivista, portanto, era radicalmente anti-fetichista e propunha uma intervenção efetiva no *byt* operário. Este projeto fora elaborado em contraposição às escolas artísticas de cunho figurativo e, como o expoente-mor destas escolas, à Associação dos Artistas da

Rússia Revolucionária (*Assotsiatsia Khudozhnikov Revolutsionnoi Rossii* – AKhRR), fundada em 1922, que elaborou os precedentes estéticos do “realismo-socialista” *stalinista*, promulgado mais de uma década depois (em 1934).

O debate artístico, assim, era iminentemente político; e os teóricos produtivistas pareciam enfatizar que cada uma das linhas redigidas criticando o “valor de culto” dos quadros figurativos consistia também numa crítica ao fetichismo da produção e circulação das mercadorias durante a NEP, bem como ao psiquismo contemplativo dos “homens do aparato”.

Da crítica da estética contemplativa, assim, Tretiakov e Tarabukin chegavam à crítica do psiquismo contemplativo, em termos bastante similares aos que Trotsky definiria, meses depois, como sendo a passividade do proletariado diante do modo de vida e da situação política da revolução e do seu processo de burocratização. Segundo Tretiakov, “[...] as pessoas estão novamente ‘absortas na contemplação’ e estão ‘experimentando a vida de modo mediado’” (TRETIAKOV, 2006, p. 17). A NEP, segundo ele, “transformara todas as pessoas em espectadoras” (TRETIAKOV, 2006, p. 18).

Seria preciso, assim, a construção de um “militantismo cultural” centrado na formulação de uma nova cultura material, que propiciasse a reestruturação das relações de produção e do modo de vida. “A alegria em transformar a matéria bruta em formas socialmente úteis” – escreveu Tretiakov – “[...]: é isso que ‘arte para todos’ deveria ser” (2006, p. 17). Contudo, tal “alegria” – que se relacionava, em ambos os textos, com um psiquismo crítico e engajado – era irrealizável no esquema de produção *nepista*.

A guinada produtivista do construtivismo soviético afirmava, assim, a primazia da revolução social sobre o projeto de modernização da URSS. Reafirmando que as posições de Tarabukin e Tretiakov eram fruto de um debate coletivo entre os artistas, quero apontar que estamos diante de uma situação histórica aparentemente rara, na qual

os artistas se puseram, efetivamente, como vanguarda do movimento político, repondo no debate público a noção de que a revolução deve ser um processo permanente de reordenamento social.

Seria, assim, o “permanentismo” construtivista o objeto oculto com o qual Trotsky lidava em “Questões do modo de vida”?

A articulação do combate pelo novo *byt*

O processo de produção de “Questões do modo de vida” caracterizava-se por “dar voz” à base operária (que, em 1923, correspondia a apenas 9,5% do Partido [MARIE, 2009, p. 302]), vide o fato do livro ter sido feito mediante as entrevistas, conforme referi anteriormente. O mesmo ocorreu no processo de circulação do livro.

Isaac Deutscher afirmou (2005, p. 180) que, após a publicação da compilação, Trotsky realizou reuniões com círculos de trabalhadores industriais e com alguns grupos pertencentes ao movimento dos correspondentes operários (*rabcors*).¹³ É possível deduzir que o dirigente bolchevique procurava pôr em prática suas propostas de dinamização e democratização da imprensa soviética buscando integrar radicalmente os *rabcors* (e as atividades de documentação e produção de relatos visuais e escritos desenvolvidas por eles) à imprensa do Partido. O questionário aplicado aos operários e as respostas deles, inclusive as referentes à NEP, foram editados por Trotsky e publicados alguns meses após o lançamento de “Questões do modo de vida”, coincidindo com o processo de formação da Oposição de Esquerda.

¹³ O movimento dos “correspondentes operários” (*rabcors*) e dos “correspondentes camponeses” (*selkors*) foi fomentado pelo Partido Bolchevique e apoiado pelo movimento construtivista/producionista. Tal movimento, fundado em 1921, consistiu no estímulo do Partido à produção de relatos (escritos e fotográficos) pelos operários e mujiques sobre a vida cotidiana e os acontecimentos considerados publicamente relevantes nos postos de trabalho, moradias e espaços públicos (KAWAMURA, 2011).

Do *byt* ao *bytie*

Em “Questões do modo de vida”, Trotsky aproximava-se do debate construtivista: os “detalhes” que deveriam ser o objeto de uma intervenção militante eram os “detalhes” do *byt*, da cultura material. A reestruturação do psiquismo do proletariado russo, assim, seria realizada mediante a reorganização espacial (que suscitaria uma nova forma de relação familiar), a reestruturação da imprensa (que facilitaria o engajamento crítico do operariado) e daí por diante. A postura contemplativa, portanto, deveria ser superada através da reorganização da matéria.

No entanto, tal aproximação entre o dirigente bolchevique e os artistas de vanguarda foi breve. Em “O novo curso”, texto de dezembro de 1923 que consagrou a formação da Oposição de Esquerda, Trotsky reafirmava a existência do “psiquismo contemplativo” no seio do Partido¹⁴ sem, no entanto, opor-lhe um programa de combate claro. E, em “Literatura e revolução”, publicado em 1924, ele passava a enfatizar a necessidade do “enriquecimento da subjetividade da classe operária” (TROTSKY, 2007, p. 154), o que marcava uma relativa mudança em seu posicionamento. No capítulo quarto do livro, “O futurismo”, o dirigente bolchevique referia-se ao programa construtivista de reestruturação das relações de produção como um programa ultra-esquerdista.

A recepção crítica de “Literatura e Revolução” rendeu a Trotsky inúmeras críticas por parte dos construtivistas. Em 1924, Sergei Tretiakov escrevia que a “dialética, usualmente utilizada de maneira brilhante pelo camarada Trotsky, dessa vez [em “Literatura e Revolução”] escapou-lhe” (TRETIAKOV *apud* KIAER, 1995, p. 126). Tal qual Tretiakov, o proeminente teórico do produtivismo Boris Arvatov criticou o projeto de “esclarecimento” do proletariado elaborado por

¹⁴ Trotsky escreveu, em *O novo curso* (2013): “Neste momento, vemos, com particular clareza, que o Partido vive, de alguma maneira, em dois níveis: o nível superior, onde se decide, e o nível inferior, que se limita a tomar conhecimento das decisões”.

Trotsky. Em um artigo de 1925, Arvatov, que fora citado por Trotsky no livro de 1924, inclusive, afirmou:

A maioria dos marxistas que discutiram o problema da cultura proletária o abordaram de modo puramente ideológico ou, no mínimo, tomaram a ideologia como o ponto de partida de suas investigações. As perspectivas sobre a cultura dominante no campo marxista foram caracterizadas por um peculiar ‘ideologismo’. (ARVATOV *apud* KIAER, 1995, p. 125-126)

O conjunto de críticas endereçadas a Trotsky por tais artistas e teóricos indica que o programa de “Literatura e revolução” fora percebido como uma espécie de ameaça ao debate sobre a cultura material. Delineavam-se, a partir de 1924, duas estratégias distintas para o combate à cultura *nepista* e burocrática na URSS: a estratégia da Oposição de Esquerda, que defendia a proliferação e difusão das obras artísticas para a “elevação da cultura da massa proletária”¹⁵; e a estratégia da LEF, que se posicionava pela reorganização radical da cultura material, incluindo neste campo as relações de trabalho.

Tais estratégias mantiveram-se afastadas até 1928, e juntas ruíram frente à consolidação da estrutura bonapartista chefiada por Stálin: no ano referido, a Oposição Unificada (de Esquerda) fora derrotada e o *bureau* político do Partido Bolchevique reconhecia a estética contemplativa da AKhRR como a estética oficial do regime.

¹⁵ A posição de Trotsky sobre a elevação do nível cultural do proletariado era compartilhada por demais membros da Oposição de Esquerda, como atesta o artigo (1998) do jornalista opositor Aleksandr Voronsky (1998), que defendia Trotsky e procurava desenvolver tal argumento.

Bibliografia

- ARVATOV, Boris. "Everyday life and the culture of the Thing (Toward the Formulation of the Question)". Trad. Christina Kaier. In: *OCTOBER 81*, Cambridge, MA, MIT Press, Summer 1997, p. 119-128.
- BROUÉ, Pierre. *El Partido Bolchevique*. Trad. Ramón García Fernández. Barcelona: Ayuso, 1973.
- BUCHLOH, Benjamin. "Cold war constructivism". In: GUILBAUT, Serge (org). *Reconstructing modernism*. Cambridge: MA, MIT Press, 1990.
- DEUTSCHER, Isaac. *Trotsky: o profeta desarmado, 1921-1929*. Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- FIGES, Orlando. *A people's tragedy: the Russian revolution (1891-1924)*. New York: Penguin, 1996.
- KAWAMURA, Aya. "La création collective dans le documentaire soviétique: photographie, cinéma et 'correspondants-ouvriers'". Trad. François Albera. In: *Revue d'histoire du cinéma n. 63*. França: Association Française de Recherche sur l'Histoire du Cinéma, 2011.
- KIAER, Christina. *The Russian Constructivist "Object" and the Revolutionizing of Everyday Life, 1921-1929*. Berkley, Harvard University, 1995.
- KOPP, Anatole. *Quando o moderno não era um estilo e sim uma causa*. São Paulo: Nobel, 1990.
- MARIE, Jean Jacques. *Trotsky: revolucionario sin fronteras*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2009
- MOULLEC, Gaël; WERTH, Nicolas (org.). *Rapports secrets soviétiques: la société russe dans les documents confidentiels*. Paris: Gallimard, 1994.
- TARABUKIN, N. M. *El ultimo quadro: del caballete a la maquina*. Trad. Andrei B. Nakov. Barcelona: G. Gili, 1977.

- TRETIAKOV, Sergei. "Art in the Revolution and the Revolution in Art (Aesthetic Consumption and Production)". *October* n. 118. Cambridge: MIT Press, 2006.
- TROTSKY, Leon. *Questões do modo de vida*. Lisboa: Antidoto, 1979.
- _____. *Literatura e revolução*. Trad. Luiz Alberto Moniz Bandeira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.
- _____. *Questões do modo de vida. A moral deles e a nossa*. Trad. Diego Siqueira, Daniel Oliveira. São Paulo: Instituto José Luís e Rosa Sundermann, 2009.
- _____. *El nuevo curso*. Disponível em: <http://ceipleontrotsky.org/El-nuevo-curso-1923>, 104. Acesso em 01/07/2013.
- VILLELA, T. M., *O ocaso de Outubro: O construtivismo russo, a Oposição de Esquerda e a reestruturação do modo de vida*. Orient.: L. R. Martins, PPGAV, ECA, USP, São Paulo, 2014.
- VORONSKY, Aleksandr Konstantinovich. "On proletarian art and the artistic policy of our Party". In: *Art as the cognition of life*. Trad. Frederick Choate. Michigan: Mehring Books, 1998, p. 147-171.

